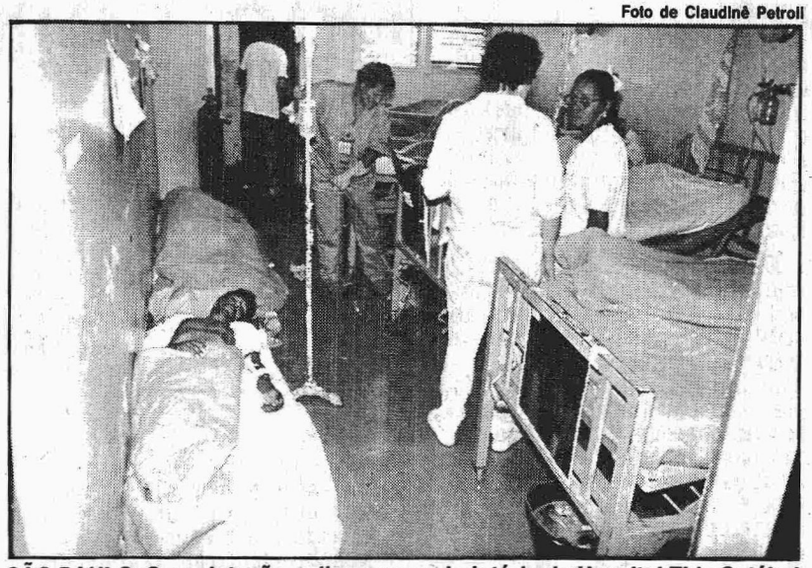
Foto de Marcelo Prates

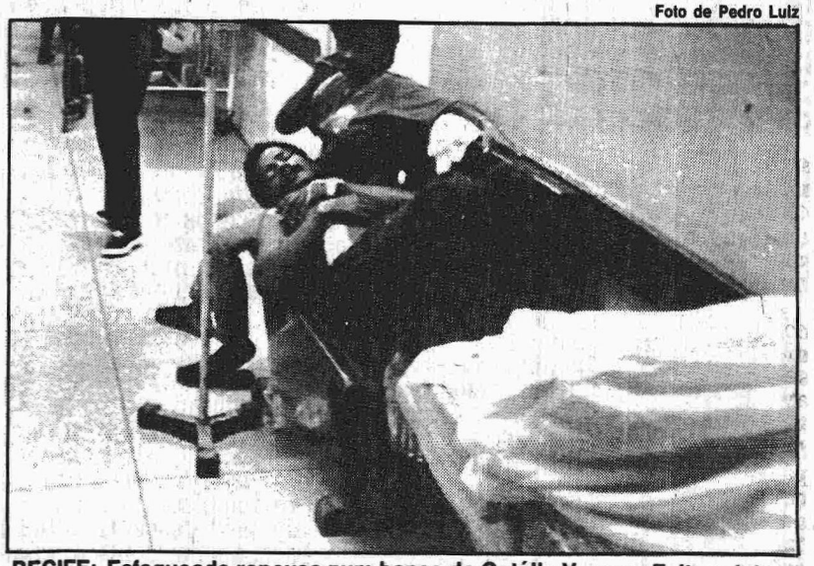
BELO HORIZONTE: A longa e sofrida espera no corredor do Posto de Urgência

Foto de Claudinê Petroll



SÃO PAULO: Superlotação e lixo num ambulatório do Hospital Tide Setúbal

Foto de Pedro Luiz



RECIFE: Esfaqueado repousa num banco do Getúlio Vargas. Faltam leitos

A 'fila da morte' atravessa o Brasil

A "fila da morte" não está presente apenas no Posto Médico de Urgência (PMU), da Santa Casa de Belo Horizonte, onde nos últimos 20 dias morreram dez pessoas por falta de socorro. Ela se estende por quilômetros, centenas de quilômetros, Brasil afora, de Norte a Sul. Em Salvador, no PAM-Roma, chega a dobrar quarteirão, antes que o paciente, três dias e seis filas após sua primeira tentativa, consiga finalmente ser atendido pelo especialista de que necessita.

São consultas rápidas, ultrarápidas, não mais do que três minutos. Muitas vezes o médico toma apenas a pressão do paciente e diz que ele precisa ser internado, como acontece em Minas. Só não há lugar para a internação.

Sujeira, descaso, equipamentos quebrados, negligência e nenhum respeito pela vida humana formam o círculo vicioso que hoje toma conta dos hospitais da rede pública. Ninguém se importa, como em Minas, se um porco morto está sendo colocado no mesmo elevador em que sobem e descem doentes, lixo hospitalar, refeições e cadáveres.

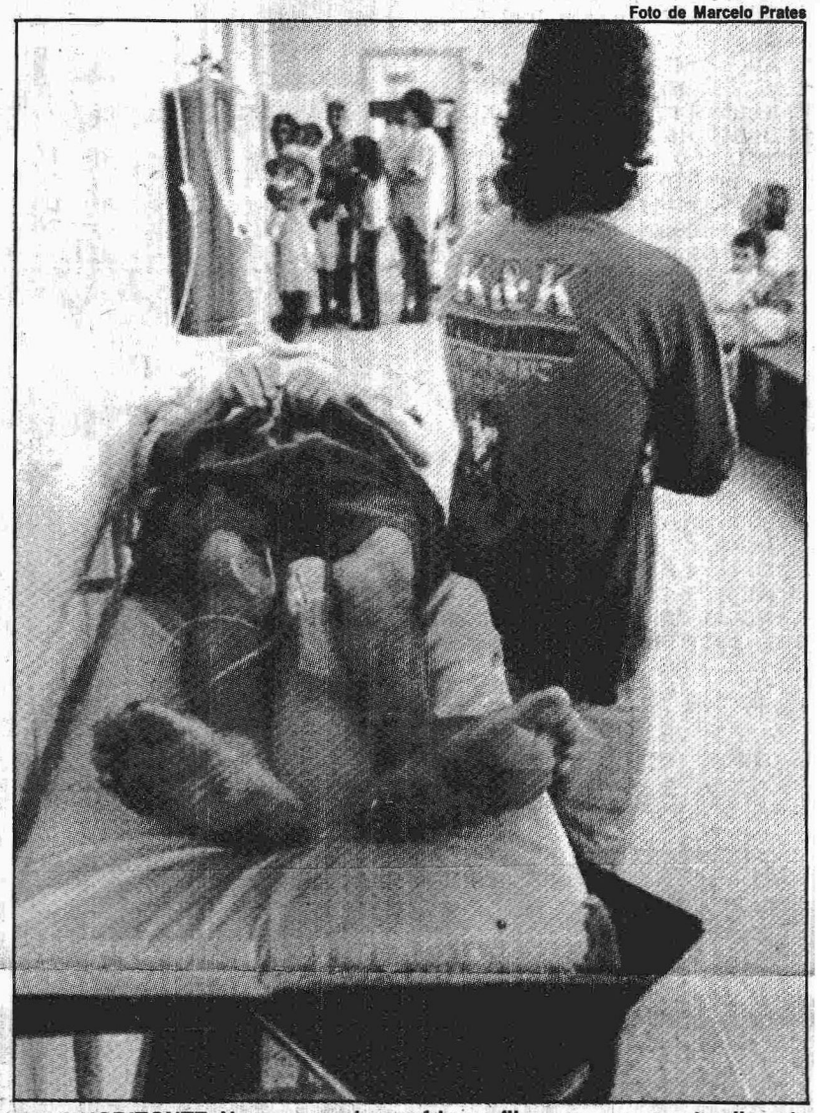
Um caos. Como no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, ou no PAM-4, em Porto Alegre, em que loucos, aidéticos, acidentados, todos se misturam numa fila só, que começa às 4h da manhã e não tem hora para começar a andar: depende da boa vontade dos médicos, que nunca estão no local de trabalho na hora marcada.

Acusações sobre omissão médica não faltam. Em São Paulo, o movimento SOS-Erro Médico — criado pelo pai de uma menina que morreu por erro da pediatra — ganha força. E já descobriu, por exemplo, que 80% dos casos de erros médicos são registrados na Previdência.

Aos mesmo tempo, os médicos da Previdência acusam o Ministro da Saúde, Alceni Guerra, de abrir espaco para a implantação da medicina privada, permitir a implantação do seguro na área de saúde ou ainda priorizar o atendimento secundário, com investimentos na rede hospitalar, em detrimento da medicina preventiva.

O Ministro, ao constatar o tamanho da ferida que destrói o sistema de saúde, acabou transferindo para os médicos a responsabilidade pelos desmandos existentes no setor. Segundo o Ministro, os médicos, por terem mais de um emprego, muitas vezes dedicando-se prioritariamente às clínicas particulares, acabam não cumprindo as jornadas de trabalho de 20 ou 40 horas semanais na rede pública, atendendo de forma precária os pacientes mais carentes.

Foto de Marcelo Prates



BELO HORIZONTE: Na maca, no banco frio, na fila, a espera por atendimento